



A EXPERIÊNCIA ESCOLAR DOS ESTUDANTES DE CURSINHOS POPULARES: UM ESTUDO DE CASO

Palavras-Chave: Educação Popular, Experiência, Estudante

Autores(as):

MAINA MARIA FERNANDES, FE - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN, FE - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa, em desenvolvimento desde setembro de 2022, tem como objetivo principal conhecer as experiências escolares de estudantes de um cursinho popular na cidade de Campinas (SP). Neste sentido, busca identificar até que ponto frequentar um cursinho popular pré-vestibular afeta esta experiência. De que forma, estudantes egressos do ensino público, ressignificam suas trajetórias escolares e projetam novas experiências, a partir dos debates e das atividades no cursinho? Até que ponto o trabalho realizado pelo cursinho em questão tem contribuído para este processo?

Este estudo está vinculado ao campo da educação popular. Ela é segundo Brandão (1986):

A educação popular parece não só existir fora da escola e à margem, portanto de uma “educação escolar”, de um “sistema de educação”, ou mesmo “da educação”, como também parece resistir a tudo isso. Por que não aproveitarmos, leitor, o fato de que a educação popular não parece ser um modelo único e paralelo de prática pedagógica, mas um domínio de idéias e práticas regido pela diferença, para explorar o próprio sentido da educação, através de percorrer os diferentes modos de seu ser como educação popular?

Os cursinhos populares surgiram na década de 90, com a expansão do ensino médio, que fazia parte de um sistema de educação compreendido como extremamente elitista e excludente. Bourdieu (1992), traz a ideia de que o sistema de ensino está ligado à estrutura das relações entre as classes, ou seja, a escola como uma instituição que reproduz e legitima a dominação exercida pelas classes dominantes. Os cursinhos populares nasceram justamente à margem dessa educação escolar da época, com objetivo de possibilitar aos setores populares, a chance do ensino superior. Apesar dos conteúdos dos vestibulares não terem relevância na vida social concreta dos estudantes, as aulas eram e são ministradas a partir de uma problematização desses conteúdos e do caráter sempre excludente das Universidades. Ademais, segundo Filho (2004), a prática dentro dos cursinhos, é voltada especificamente para os setores “subalternos” da sociedade e organizada também por esses setores. Ao longo do tempo, os cursinhos foram cada vez mais se consolidando e crescendo no país, principalmente em cidades que possuem universidades públicas,

Na pesquisa, em desenvolvimento, estudo o cursinho popular TRIU, que está localizado na cidade de Campinas. Suas atividades acontecem nas dependências de uma escola pública no Distrito de Barão Geraldo. O objetivo do cursinho é popularizar a universidade pública e o principal propósito é enxergar os estudantes de forma integral, como

sujeitos de luta. Ele existe há 20 anos e conta com cerca de 100 voluntários. O TRIU atua através de duas propostas pedagógicas: as turmas são divididas entre TR e IU. A TR é para proporcionar o aprofundamento e a revisão, a IU é tem como objetivo o fortalecimento da base de conhecimentos.

É nesse sentido que me interessa saber como os estudantes do ano de 2022, período de retomada das aulas presenciais “pós pandemia”, significaram suas experiências escolares e até que ponto o trabalho realizado no cursinho contribuiu neste processo.

METODOLOGIA:

Essa pesquisa se pauta por uma abordagem qualitativa e busca reconstruir as biografias e trajetórias dos sujeitos que frequentam o cursinho TRIU, para assim compreender as estruturas e interações sociais que se efetivam. O estudo é um estudo de caso, fundamentado em ferramentas da pesquisa etnográfica, com referências do livro “Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas” das autoras Menga Ludke e Marli André (2003). Para tanto, utilizou a observação e acompanhamento de atividades do projeto, durante o segundo semestre do ano 2022, com registro em Diário de Campo, e estão sendo realizadas, agora em 2023, entrevistas com 6 estudantes selecionados a partir da inserção da pesquisadora no campo. Portanto, a pesquisa se vale de três técnicas metodológicas bem definidas:

- Trabalho de campo: Observação do cotidiano da instituição e registro em Diário de Campo, onde foram feitos os registros da observação sistemática do campo. Esse registro se pautou por impressões e descrições.
- Análise documental: Análise de documentos da instituição como PPP, dados estatísticos e outros;
- Entrevistas: As entrevistas foram divididas em três momentos: estruturação do roteiro, realização e transcrição. Serão semi-estruturadas, ou seja, contarão com um roteiro básico como condutor do diálogo, construído a partir dos objetivos da pesquisa, mas que não será aplicado rigidamente (LUDKE; ANDRÉ, 2003). Os 6 sujeitos a serem entrevistados foram indicados a partir do trabalho de observação em campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao longo do ano de 2022, fui ao cursinho uma vez a cada duas semanas para o trabalho de campo. Por isso, tive a oportunidade de acompanhar quatro alunas, o que me possibilitou compreender a motivação para que elas dessem continuidade aos estudos, mesmo após dois anos de ensino remoto. Uma delas, infelizmente acabou desistindo do cursinho logo no início do ano, pois estava com problemas pessoais e decidiu não continuar. Uma outra, tinha acabado de se formar no Ensino Médio e trabalhava o dia todo, pegava dois ônibus para chegar ao cursinho, tinha uma jornada intensa de trabalho e estudo, prestou Medicina Veterinária. A terceira, é uma mãe, que também trabalhava, cuidava da sua filha e ia para o cursinho à noite, prestou Medicina. E por fim, a quarta não estava trabalhando no início do ano, pois queria se dedicar ao máximo, por isso não precisava faltar nas aulas, mas no final, teve que procurar um emprego e os horários ficaram apertados para se dedicar como desejava, prestou Gestão Ambiental. Todas elas me falavam como o cursinho era acolhedor e como isso fazia diferença. Os professores e coordenadores sempre eram muito elogiados, pois respondiam dúvidas quase que imediatas. Mas o desgaste das três que continuaram, por causa dos compromissos externos, não deixavam que elas se dedicassem o quanto gostariam

e isso de vez em quando era motivo de desânimo. Como lembra Dayrell (2006), o contexto social dos estudantes influencia nas relações que os estudantes estabelecem com a escola e com a aprendizagem. As histórias destas quatro estudantes reafirmaram para mim, as relações intrínsecas entre condições sociais e oportunidades educacionais. Apesar de todas as dificuldades das três, nenhuma delas deixou de prestar o vestibular, todas foram até o final e isso já foi uma vitória.

A partir disso, foi possível perceber o quanto o contexto social de estudantes de cursinho popular é um importante fator no resultado da aprovação. Serrano (2020) escreve:

O individualismo e a vida social produzidas no capitalismo impedem não só materialmente a retomada desta vida em mãos mas, subjetivamente, dificultando ao sujeito cognoscente a possibilidade de experienciar e conhecer no mundo (pág 16).

Nesse sentido, as experiências proporcionadas pelo cursinho, no coletivo, também são fatores importantes para a construção de trajetórias que vão na contramão desse individualismo e do discurso recorrente da impossibilidade de se romper barreiras sociais e educacionais para a entrada na universidade, fazendo assim com que esses estudantes não desistam de prestar o vestibular.

Em uma conversa que tive com o coordenador geral do cursinho, durante o trabalho de campo, pude fazer algumas perguntas sobre o ano de 2022 no TRIU. Para ele, o período de pandemia teve um grande impacto na continuidade do TRIU e na vida dos estudantes de forma geral. Segundo ele, no início do ano todos estavam com expectativas para o retorno, sem saber como as pessoas iriam estar depois de dois anos de pandemia. O cursinho ficou trabalhando de forma online durante os anos de 2020 e 2021. Com a oferta do Ensino Médio de forma bem precarizada, praticamente sem atividades presenciais, se imaginava que os estudantes estariam ávidos pelo retorno presencial. No entanto, conforme ele conta, as vagas presenciais não chegaram nem perto de serem preenchidas. Regularmente são abertas 4 salas (120 vagas), porém só 3 foram preenchidas (66 vagas) em 2022. Ele disse também que a equipe de professores não sentiu tanta diferença na defasagem de aprendizagem como nos outros anos, mas reconheceu que faltaram mais elementos de avaliação para chegarem em uma conclusão melhor sobre isso, porque certamente a pandemia impactou nesse sentido também. Mas a metodologia do cursinho não precisou ser alterada, pois as salas já são separadas por níveis de aprendizagem, onde o aluno escolhe em qual sala quer entrar, a turma TR, que é mais avançada ou IU, que é mais básica. A procura pela turma IU foi bem maior, cerca de 50 estudantes optaram por ela. Por fim, ele concluiu que foi um ano difícil em termos de gestão, pois menos pessoas se dispuseram a fazer as coisas e ficou mais pesado e sobrecarregado para conseguir fazer tudo o que ele queria fazer. Também, sobre os estudantes, disse que foi um ano de uma participação mínima, mais “passiva” do que nos outros anos. Segundo ele, não foi só a pandemia, mas o próprio contexto do país, com o último governo que passou, teve um papel grande na desmotivação das pessoas, com os ataques constantes à educação, à ciência, às Universidades e isso teve um peso sobre os jovens estudantes. Disse também que a pandemia afetou muito o processo de escolarização e que isso acabou tendo impacto no valor que as pessoas dão para a educação e se ela vai ser um caminho para elas ou não. Então, a pandemia e o contexto político/econômico atravessaram bastante os estudantes que adentraram no cursinho e também o projeto.

Durante o ano de 2022, foi possível identificar uma evasão mais intensa: o ano terminou com apenas uma sala com cerca de 25/30 alunos, além da procura menor pelo projeto no início do ano. Além disso, conforme o coordenador do TRIU falou, foi possível identificar uma queda no entusiasmo dos estudantes. Mas, apesar de todas as dificuldades, 12 estudantes, egressos do TRIU, foram aprovados nos vestibulares, e outros aguardavam o resultado das próximas chamadas do Sisu e das Universidades Estaduais, no momento de nossa conversa.

Ao longo do segundo semestre de 2022, apliquei um questionário para os estudantes que estavam matriculados no TRIU. Do total de concluintes daquele ano (pouco mais de 25 estudantes) obtive 15 respostas. O objetivo do questionário era traçar um panorama do perfil dos estudantes de 2022 e, a partir daí, chegar a dados que pudessem contribuir para responder ao objetivo da pesquisa. A maioria das pessoas que responderam o questionário têm entre 18 e 26 anos, estão divididas praticamente em 50% de mulheres e homens. 73,3% se declaram brancas e 26,7% pretas. Todas moram em Campinas e região. Já em relação às turmas, 53,3% eram da TR e 46,7% da IU. Todas fizeram Ensino Fundamental e Ensino Médio em escolas públicas. Os cursos para os quais se inscreveram no vestibular foram variados: Ciências Biológicas (1); Design Gráfico (1); Enfermagem (1); Engenharia Mecatrônica (1); Engenharia de Controle e Automação (2); Gestão Ambiental (1); Letras (2); Medicina (2); Relações Internacionais (2); dois estudantes ainda estavam em dúvida. E a grande maioria desejava cursar Universidades Públicas.

Em relação à dados socioeconômicos, 10 trabalhavam, 4 estavam desempregados e apenas 1 nunca trabalhou: 53,3% trabalhavam o dia todo. A renda familiar per capita da maioria estava entre 1 e 2 salários mínimos (R\$1212,00) e o nível de escolaridade dos pais não ultrapassava o Ensino Médio. No quesito relação com o cursinho, todas as respostas falam que decidiram entrar no projeto para auxiliar nos estudos e conseguirem serem aprovados no vestibular.

Quanto às maiores dificuldades enfrentadas para estudar no ano de 2022, 2 responderam que a pandemia prejudicou a atenção para os estudos; 2 falaram sobre a falta de motivação e citaram as dificuldades emocionais advindas da pandemia; 4 falaram da falta de tempo e rotina intensa de trabalho; as outras respostas citaram baixa autoestima, procrastinação, falta de constância nos estudos, cansaço e dificuldade em estudar por conta própria. De um modo geral é possível identificar que 2022 foi um ano de muitos desafios para serem superados, como a constante falta de motivação e os problemas de saúde mental dos estudantes. Apesar do cursinho ter um projeto de orientação pedagógica, que conta com uma equipe de psicólogos para o apoio emocional, isso não foi suficiente. Outro fator que agrava a condição desses estudantes, é a jornada dupla de trabalho e estudo, que consome a vontade dos estudantes de se dedicarem mais. Com essas respostas, foi surpreendente constatar que a turma TR teve uma menor evasão que a turma IU, já que no início do ano a procura pela IU foi bem maior.

E por fim, durante o primeiro semestre de 2023, infelizmente a pesquisa ficou um pouco “estacionada”, pois tive problemas com o comitê de ética e durante esse período, eram para ter sido feitas as entrevistas. Consegui a aprovação do CE recentemente, então agora que iniciei o processo das entrevistas. Elas estão sendo feitas de maneira semi-estruturada e já realizei com três estudantes. Até então, o resultado dessas entrevistas têm comprovado a hipótese de que as experiências construídas no coletivo pelo cursinho contribuíram, em alguns casos, para a aprovação na Universidade e também em outros aspectos da vida cotidiana dos estudantes. Uma estudante disse *“a prática de autoconhecimento exercitadas no TRIU tem sido importantes norteadores na minha vida na universidade.”* Outro *“Eu costumo dizer que era uma pessoa antes do cursinho popular e hoje sou outra completamente diferente. Foi no cursinho que eu entendi que universidade pública deveria ser um direito nosso, fiz laços muito importantes lá e conheci pessoas que me inspiram muito.”* E para terminar, *“A vivência com diversos alunos e professores. Por ser um espaço com realidades diferentes, compartilhar as vivências e experiências foi um grande aprendizado. Ainda mais que grande parte dos professores ainda são estudantes das universidades, o que faz a gente ter um contato mais direto.”*

No decorrer da pesquisa, realizei leituras e fichamentos, para sistematizar e me aprofundar no tema. As leituras contribuíram para o estabelecimento de conexões entre as obras e conceitos aprendidos anteriormente, relacionando-os com o tema de pesquisa. Para o relatório final, serão melhor exploradas em diálogo com o material de pesquisa que está

sendo produzido. Por fim, estas entrevistas também vão ser analisadas no relatório final do projeto de pesquisa.

CONCLUSÕES:

A agenda da educação sempre esteve em disputa, porque a educação é um dos pilares mais importantes da sociedade, se não o mais importante. Nesse sentido, estudar a educação popular é, de certo modo, entrar em contato com este contexto. O vestibular é e sempre foi um filtro social que, historicamente, tem barrado a entrada da classe trabalhadora no ensino superior. Por isso, os cursinhos populares são movimentos territoriais, que surgiram através da luta política, para ultrapassar a “cerca” do vestibular e lutar pelo acesso dos mais vulneráveis ao ensino público.

Deste modo, os cursinhos populares são núcleos que priorizam a formação crítica dos estudantes. As vivências proporcionadas dentro de um cursinho, fazem com que a aprendizagem tenha um sentido, porque não há culpabilização individual, como já existe na vida de grande parte dos estudantes de escolas públicas, há um olhar crítico em relação a isso. A culpabilização sai dessa perspectiva apenas do sujeito e passa para o sistema capitalista neoliberal que infelizmente guia e dita a vida dos estudantes desde sempre. Portanto, essas experiências, rompem com as expectativas dessa ideologia hegemônica, despertando nos alunos uma formação política em relação ao mundo em que vivem.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, M; LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 2003.

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

DAYRELL, Juarez (Org.). A escola como espaço sócio-cultural: primeiros olhares sobre a escola. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ufmg, 2006. p. 136-160.

SERRANO, Marianna di Giovanni Pinheiro. **Cursinhos populares no Brasil: experiência e educação popular na perspectiva da luta de classes**. 2020. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal, 2020.

SILVA FILHO, P. **Cursos Pré-Vestibulares Populares em Salvador: Experiências educativas em movimentos sociais**. Revista da FACED n. 8, p. 109-126. 2004.